

A EJA E OS PROCESSOS DE JUVENILIZAÇÃO: DESAFIOS DOCENTES DO TEMPO PRESENTE.

Mayra Caroline Freitas de Souza¹
Francisco Canindé da Silva²

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está intrinsecamente ligada a questões sociais que marcaram e marcam trajetórias de homens e mulheres que por diferentes razões, tiveram o acesso à educação interrompida ou negado. São diversos fatores e obstáculos estruturais, que vão se perpetuando em contextos e realidades sociais e econômicas específicas, nos convidando a refletir as desigualdades históricas que marcam a sociedade. Diante desse cenário, a EJA se apresenta como um espaço de oportunidades, para que os direitos de acesso, permanência, construção e reconstrução de saberes sejam devolvidos e assegurados.

Por muitos anos, a EJA foi majoritariamente associada à presença de idosos e adultos, contando com poucos jovens. No entanto, esse perfil vem sendo modificado de forma notória nos últimos anos, e essa mudança traz consigo desafios e impactos que apontam para os professores e todo o ambiente escolar. Diante do fenômeno da juvenilização da EJA, que vem se tornando cada vez mais popular em muitas instituições, algumas questões como a organização, dinâmicas e propostas apresentadas precisam ser cuidadosamente avaliadas, visto que as turmas se tornam cada vez mais heterogêneas. Com essa mudança, surgem questionamentos e problemáticas que se relacionam diretamente com as motivações as quais levaram esses jovens bem jovens a buscarem por essa modalidade de ensino. São questões sociais, econômicas, culturais e até mesmo as construções familiares que surgem como obstáculos durante o percurso formativo desses jovens, trazendo impactos diretos e indiretos nessa etapa de vida social e estudantil.

A Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel de reparadora na sociedade e para essa juventude que se viu excluído da escola básica regular, em consequência dos múltiplos fatores que cercam suas vidas. Em face disso, um estudo realizado na Escola Estadual Maria da Glória de Azevedo Luna, na comunidade de Pataxó/Ipanguaçu-RN, propõe uma reflexão acerca das motivações que levaram jovens ainda na idade definida como a ideal para frequentar as salas de aula da educação básica regular, a saírem desta e caminharem até a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, contribuindo assim para o fenômeno da juvenilização. Buscamos compreender

¹ Graduada no Curso de Pedagogia, Campus Avançado de Assú, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: maayracarolinef@gmail.com

² Professor do Departamento de Educação/Campus Avançado de Assú da UERN, e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Poseduc) da UERN. E-mail: canindesilva@uern.br

não somente os fatores que impulsionaram essa escolha, mas também as perspectivas, os sentimentos e as experiências que os atravessam.

METODOLOGIA

Por traz do fenômeno da juvenilização da EJA estão questões e realidades diversas, são contextos carregados de problemáticas reais que impulsiona a saída prematura desses jovens da escola regular. Dessa forma, compreendemos que não existem respostas prontas ou uma única motivação que justifique esses processos. Diante dessa concepção, buscou-se investigar esse fenômeno de perto, na turma do 5º período da EJA da Escola Estadual Maria da Glória de Azevedo Luna, uma escola do campo localizada na comunidade de Pataxó, zona rural do município de Ipanguaçu-RN. Na oportunidade dialogamos e observamos os seus protagonistas, buscando conhecer e entender as realidades nas quais eles estão inseridos.

Por meio da prática da observação, no contexto da pesquisa qualitativa, tivemos a possibilidade de conhecer e compreender além do histórico escolar desses jovens, a construção social e cultural que os constitui, considerando que ambos são mecanismos que contribuem para satisfação ou frustração dentro dos espaços escolares. O contato direto com o ambiente, as realidades e os sujeitos, isto é, os estudantes e os profissionais da educação, nos permitiu apoiar-se no modelo de entrevista compreensiva (Kaufmann, 2013), que se mostrou eficaz para que pudéssemos dialogar, de maneira que o entrevistado se sentisse mais livre para expressar as suas experiências na construção e vivência no espaço escolar. Essa metodologia contribuiu para uma aproximação mais efetiva das realidades e implicações que formam o fenômeno da juvenilização. Para tanto, foi indispensável valer-se da “escuta sensível” (Barbier 1998 *apud* Silva, 2006 p.7) onde os entrevistados puderam declarar suas motivações ou a falta delas, bem como desafios e outras inquietações de forma espontânea e flexível, onde foi mantida a parcialidade, reciprocidade e o respeito. Conduzir a entrevista nesse formato nos revelou informações que foram além dos questionamentos que foram estabelecidos de forma prévia.

Daí que a “boa pergunta” não seja, necessariamente, aquela que havia sido previamente preparada pelo entrevistador, mas a que faz sentido ao entrevistado e o convoca a tomar uma posição, a narrar um ponto de vista com densidade narrativa. Ou seja, como se argumentará, a “boa resposta” é a que resulta do sucesso de um exercício criativo de composição improvisada (Ferreira, 2014, p. 3-4).

Essa interação trouxe esclarecimentos e descobertas sobre o fenômeno, a mudança de rota na conversa que havia sido pré-estabelecida, nos possibilitou descobertas e esclarecimentos para os objetivos que buscávamos. Os depoimentos apresentados de forma espontânea nos trouxeram dados reais sobre as angústias e expectativas desses jovens no âmbito escolar. O diálogo com 02 professoras da escola nos revelou desafios enfrentados diariamente quando se está diante de uma turma heterogênea, que tem o seu padrão alterado, exigindo uma organização e readaptação, considerando que este não seria o modelo ao qual elas estavam habituadas quando se tratava de Educação de Jovens e Adultos. Os seus relatos expõem como lidam e

organizam o ambiente da sala de aula e as dinâmicas dos encontros para que todos, independente da faixa etária, sejam contemplados, se sintam e sejam de fato inseridos no andamento das atividades dentro e fora da sala de aula, considerando eventos extracurriculares. A gestão escolar, na pessoa da diretora, também contribuiu, trazendo alguns relatos que expressam os desafios para construir um espaço escolar que acolha e seja coerente com as necessidades de cada um.

RESULTADOS

O roteiro estabelecido para desenvolver essa pesquisa foi primordial para a obtenção e interpretação de dados, visto que, analisou-se desde a chegada desses jovens, os meios utilizados para chegar à escola, até as suas participações e elaborações de atividades. Observamos as interações dentro e fora da sala, a organização, atividades expostas e a participação.

No primeiro dia, a sala contava com poucos alunos, logo recebemos a informação que alguns jovens optaram por não entrar na aula, pelo menos não naquele horário, o que levantou debates sobre falta de interesse mediante as oportunidades que lhes são dadas, outros apontaram a falta de respeito pela pessoa do professor e pela escola, e surgiu também o questionamento sobre a falta de orientação em casa, nesse ponto a família surge como parte responsável pela falta de limites e motivação para que esses jovens sigam com os estudos.

Neste caso, é importante compreendermos que não há respostas concretas, que possam definir de forma única os sentimentos de desânimo que rodeia a vida de alguns adolescentes quando se trata do espaço escolar. São diferentes realidades sociais, culturais, econômicas que tem o poder de impactar e mudar o processo de construção dos sujeitos, na escola ou até mesmo em áreas diversas de suas vidas.

Observar com um olhar mais crítico e usar como apoio a entrevista compreensiva, de forma que os entrevistados se sentissem mais livres para se expressar, nos ajudou a identificar as dificuldades, de forma particular às motivações e desafios que estão tanto para os alunos como para os professores e gestão. As entrevistas iniciaram com os jovens, que ao serem convidados para o diálogo, sentiram-se inseguros e tímidos, a confiança de cada um precisou ser conquistada. Superando as barreiras desse contato inicial, os jovens apresentaram em seus relatos pontos positivos sobre a turma da EJA e a escola como um todo.

Eu gosto daqui, acho melhor que na outra escola. Os professores são legais e eu gosto muito dos meus “Senhorzinhos”, já estou acostumada com eles, a gente conversa e tudo, é muito bom e é tranquilo, não tem bagunça na sala nem nada, eu amo. Sai da outra escola por repetência mesmo, reprovei em matemática no 9º ano e não quis continuar lá, porque aquele professor ia me reprovar de novo e eu ia ficar mais atrasada, não entendia nada do que ele explicava. Eu quero terminar aqui na escola e começar numa faculdade depois, quero fazer psicologia (Relato da aluna C, 17 anos. out/2024).

Nesse relato, a aluna expressa a sua frustração, que se desenvolveu em torno de uma única disciplina e um único professor e foi suficiente para tirá-la da sala regular, carregando o sentimento de não conseguir encarar novamente aquele contexto. Um

relato parecido se repete, outro jovem conta sua frustração após ter reprovado em várias matérias da escola regular e atualmente, na EJA, não gosta de nada, pretende terminar apenas para trabalhar fora.

Eu vim porque reprovei num monte de matéria lá na outra escola, eu nem lembro mais, era um bocado, joguei até as provas fora para não ver. Dos professores gosto mais ou menos, não acho nada difícil não, só é chato, não gosto de nenhuma disciplina e na sala só tem velho. Venho só para andar mesmo, tem nada para fazer em casa aí venho aqui ver o povo, os meninos. E quero terminar os estudos pra ir trabalhar fora depois (Relato do aluno J, 17 anos. out/2024).

A expectativa para inserir-se no mercado de trabalho é igual para todos os jovens da EJA, pouco se fala em faculdade, o foco está na busca por empregos que exijam apenas o ensino médio.

Eu só quero terminar mais rápido mesmo e depois arrumar um trabalho. Eu gosto daqui, tenho nada a reclamar, os professores são bons e tem os “velhinhos” que eu gosto muito também, a gente conversa (Relato da aluna M, 16 anos. out/2024).

Outros pontos se apresentaram como obstáculo para continuar na escola regular, o fato de sair jovem de casa para casar-se, assumir as responsabilidades que formar uma família exige também foi exposto e considerado.

A turma do 5º período da EJA é considerada como uma das melhores, em relação a outras que já passaram, mas no relato dos professores fica evidente a preocupação com a baixa frequência dos jovens, alguns ainda se apresentam algumas vezes na semana, outros já se evadiram, o que para a escola é uma grande questão, visto que não sabem quais medidas adotar para reverter esse quadro. Contudo, o maior desafio exposto pelos professores é a dificuldade de nivelar conteúdos, de forma que a explicação seja compreensível para todos.

Na minha prática o maior desafio é a diversidade de conteúdos, montar uma aula que agrade a todos. A aula para esses meninos é escrever, mesmo que eles achem chato, se a gente não colocar um texto no quadro eles já perguntam: Professora, e a aula hoje vai ser o que? Não vai ter nada não? Eu tento as vezes fazer seminário para mudar um pouco, eles participam, mas é aquela coisa muito tímida, sabe? Eles ficam com vergonha de falar, aí lê. A organização da sala não é problema nenhum, eles não são bagunceiros, só são dispersos, aí a gente tem que ficar em cima, chamando. É diferente da antiga turma de EJA, os que estão no 1º ano hoje, era muito difícil, eles bagunçavam demais (Professora X. out/2024).

A evasão e a dispersão dos alunos jovens é um grande desafio que preocupa os professores e a gestão, de acordo com seus relatos, o que atrai esses jovens por um breve período são atividades externas, jogos, eventos esportivos, e a falta de orientação por parte das famílias cooperam para que não sintam obrigação de estarem na escola.

O nosso maior desafio hoje em relação a esses jovens da EJA é a evasão, a escola já tentou de várias formas trazer de volta, mas é muito complicado. A gente fez busca ativa, de casa em casa, chamando para voltar para escola,



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



fizemos um chá de reencontro com psicóloga, psicopedagoga, foi um momento de conversa, bem descontraído, mas não teve jeito, eles não querem. Alguns até vem e participam dos eventos, mas depois deixam a escola de novo. Hoje a gente está pedindo ajuda mesmo, a quem tiver uma sugestão, estamos abertos e dispostos a tudo para trazê-los de volta (Gestora. out/2024).

Diante desse cenário a escola se vê desafiada a encontrar propostas que superem esse desafio. Entendemos a importância do retorno desses jovens a escola, mas não somente para compor a sala e sim para serem agentes ativos do meio escolar despertando o verdadeiro sentimento de pertencimento.

CONCLUSÃO

Esse estudo nos revelou muitos desafios, motivações e particularidades que esses jovens encaram, e apesar de todas elas, ainda reconhecem o papel da escola em suas vidas. A entrevista compreensiva, juntamente com a observação e a escuta sensível foram eficientes para que pudéssemos compreender a representatividade daquele espaço na vida de cada um, as expectativas e o que esperam alcançar ao final dessa jornada. Identificamos também quais são os desafios para eles e para professores e gestão, o desânimo, a ausência, apesar de manterem boa relação e convivência com os alunos, ainda não conseguiram encontrar uma proposta atrativa, que traga de volta os que se evadiram e que dê outro sentido e perspectiva para aqueles que vêm até a escola, mas que não despertam o interesse pelos estudos.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, 2014.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, Maceió, AL: Edufal, 2013.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

UERN

POSEDUC

